

LITERATURA SURDA COMO METODOLOGIA NO ENSINO DA LIBRAS: O PAPEL DO PROFESSOR NESTE PROCESSO

Camila Vieira da Silva¹

Resumo

Este trabalho aborda conceitos da literatura surda e a formação de professores no processo de inclusão, destacando as contribuições das literaturas surdas para crianças no ambiente escolar, sempre sob a perspectiva bilíngue. Reconhece-se que pessoas surdas possuem autonomia e capacidade de construir significados através da experiência visual, uma característica inerente à sua cultura. Seus recursos comunicativos são visuais, e para a criança que está explorando esse mundo repleto de informações, a apresentação visual facilita a compreensão dos conceitos associados às imagens. Neste contexto, este estudo discute questões relacionadas à literatura surda, demonstrando que é um direito legal das crianças surdas terem contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) na escola desde os primeiros anos do ensino básico, por meio de um instrutor de Libras ou intérprete. A pesquisa bibliográfica realizada neste trabalho teve como objetivo analisar as literaturas disponíveis no mercado e elencá-las no contexto da inclusão educacional das crianças surdas. Foram analisadas obras que promovem a construção de significados visuais, essenciais para o desenvolvimento cognitivo das crianças surdas. Os resultados indicam que a presença de materiais didáticos em Libras contribui significativamente para a inclusão e aprendizado dessas crianças, evidenciando a necessidade de formação adequada dos professores e a disponibilização de recursos visuais acessíveis no ambiente escolar.

Palavras-chave: Literatura Surda, Inclusão, Educação Bilíngue, Libras.

INTRODUÇÃO

É evidente que as dificuldades enfrentadas pelas crianças surdas no contexto escolar está relacionada a comunicação com os colegas, professores, familiares, tais problemas provoca nelas uma defasagem muito grande em sua aprendizagem. Desta forma, a capacitação do professor para o desenvolvimento de um trabalho voltado para esse público é indispensável, principalmente no quesito leitura, que deve ser abordado em de modo a levar o surdo ao mundo da imaginação, e a literatura surda tem justamente esse poder de envolver a crianças numa viagem pelo mundo imaginário, correlacionando as histórias aos desafios enfrentados em sua pessoal.

Analisando os fatos históricos no preparo de docentes para a educação de surdos, nos voltamos para uma valiosa reflexão de Goldfeld (2002) que retrata em

¹ Mestranda no Curso de Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University, camilavieiradasilva372@gmail.com

miúdos a metodologia utilizada no século XVI para educação de pessoas surdas, sendo em alguns locais o realce maior na língua oral, em outras, a língua de sinais e a utilização também de códigos visuais para a comunicação, no passado a literatura surda não existia. Vale ressaltar que em meados do século XVIII houve um número favorável de diversas entidades de ensino para surdos que favoreceram o aprendizado numa perspectiva voltada para a oralidade, mostrando que os surdos precisavam se adaptar a maior parte da população que era ouvinte, onde de fato, não é verdade, mas para aquele momento as perspectivas eram voltadas para o acesso do surdo ao ouvinte e não o contrário.

Assim Vigotski (2007) enfatiza a necessidade da língua de sinais para o acesso e a convivência social e desenvolvimento da aprendizagem escolar. No que se refere à ideia de igualdade, o autor defende que as leis precisam ser homogêneas para todas as crianças, no entanto àquelas com algum tipo de deficiência demandam recursos especiais e caminhos alternativos para a efetivação da aprendizagem.

O decreto 5.626/05 traz uma consideração valiosa sobre o ensino de LIBRAS como disciplina curricular, bem como, a formação docente para atuar na educação de pessoas surdas, trazendo sempre o que há de mais atual e inclusivo para o ensino tradicional, vemos no artigo 3º que:

Art. 3. O acesso a LIBRAS deve ser inserido como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal e dos municípios. §1 a todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de pedagogia e o curso de educação especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (BRASIL, 2005, p.4).

Este paper mostra as possibilidades para a formação docente no uso de metodologias que se aplique a literatura surda disponível no mercado, fazendo com que a criança surda, bem como, a ouvinte conheçam esses trabalhos e usem em seu cotidiano, para expressar sentimentos, emoções e o anseio de mudanças na educação inclusiva. Proporcionando acesso amplo às pessoas surdas e a autonomia de comunicação aos ouvintes com pessoas surdas, caracterizando-se assim, uma sociedade bilíngue, Saviani (2010, p.53) também faz uma consideração importante para a formação de professores:

a formação de professores deveria garantir uma sólida cultura que lhes permita atingir uma aguda consciência da realidade

em que vão atuar associadas a um consistente preparo teórico-científico que os capacite à realização de uma prática pedagógica coerente.

[...] Condições adequadas de trabalho que lhes permitam atualização constante, preparação consistente de suas atividades curriculares e atendimento às necessidades pedagógicas dos alunos, revendo e reelaborando os conteúdos e os métodos de ensino ministrado. (SAVIANI, 2010, p. 53).

Neste sentido, no momento em que o professor se depara com textos e imagens, torna-se importante interpretar o que se vive naquele instante, ampliar os referenciais e não se limitar com estereótipos, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos, fazendo com que a criança seja capaz de se desenvolver.

“É buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda a sedução encoberta, da beleza e sabedoria a serem reveladas, de padrões que não são os dos chamados países desenvolvidos.” (Abramovich 1989, p. 41.

Cada aluno tem necessidades diferentes, estas podem ser pessoais ou podem estar relacionadas ao grupo social em que estão inseridas, sendo que uma pessoa pode estar vinculada a vários grupos sociais ao mesmo tempo, sendo assim, os surdos formam um grupo social que precisa ser atendido no ambiente escolar de acordo com suas necessidades, não é o surdo que precisa se adequar aos ouvintes, são os ouvintes que precisam saber Libras.

Com o intuito de que os professores entendam as necessidades e como explorar o potencial de seus alunos surdos, podemos afirmar que estes, por sua vez, precisam de um preparo teórico-científico, que possibilitará nas propostas, atividades e avaliações pedagógicas que possam condizer com a realidade de seus alunos, ou seja, desenvolver um trabalho pedagógico eficiente, capaz de incluir sem segregar. Sabemos que a base das propostas pedagógicas são elaboradas e disseminadas para toda a comunidade educacional e isto não satisfaz a necessidade de todos os alunos, portanto se faz necessário que o professor no uso de suas atribuições busque uma preparação e formação capaz de atender aos seus alunos suprimindo suas necessidades por meio de adaptações nos conteúdos, materiais pedagógicos e métodos de ensino inclusivo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde os primeiros anos de vida de uma criança, a escola desempenha um papel crucial na orientação, conscientização, transformação, coordenação, construção, instrução e enriquecimento de sua formação psicológica, social e pessoal ao longo de sua trajetória no ambiente de aprendizagem. A inclusão escolar, especialmente no contexto da literatura surda, é essencial para promover um desenvolvimento integral e equitativo de todos os alunos. Assim, Quadros (2006), enfatiza que:

“A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas compartilhadas com pessoas ouvintes de seu país.” (Quadros e Sutton-Spence, 2006)

A citação de Quadros e Sutton-Spence (2006) ressalta a complexidade inerente à identidade e à cultura das pessoas surdas, que vivem em um ambiente bilíngue e multicultural. Este cenário evidencia uma dualidade que marca profundamente suas experiências e percepções de mundo.

Por um lado, as pessoas surdas são parte de uma comunidade visual que transcende fronteiras nacionais, formando uma comunidade global que se identifica por meio da língua de sinais e de uma cultura visual compartilhada. Esta comunidade surda internacional oferece um senso de pertencimento e uma identidade coletiva que é fortalecida pela troca de experiências e pela conexão com outras pessoas surdas ao redor do mundo. Essa perspectiva global é fundamental para a construção de uma identidade forte e positiva, permitindo que as pessoas surdas reconheçam e celebrem suas singularidades culturais.

Por outro lado, as pessoas surdas também são integrantes de suas sociedades nacionais, onde convivem com pessoas ouvintes e participam de uma cultura compartilhada. Dentro desse contexto, a língua de sinais nacional desempenha um papel crucial como meio de comunicação e como um símbolo de identidade cultural. A convivência com a sociedade majoritária implica uma constante negociação de identidades, onde as pessoas surdas precisam navegar entre a cultura surda e a cultura ouvinte, ajustando-se a ambos os mundos.

Essa dualidade pode ser desafiadora, pois as pessoas surdas frequentemente enfrentam barreiras de comunicação e preconceitos na sociedade majoritária. No entanto, também oferece uma riqueza cultural e uma perspectiva única que pode

enriquecer ambas as comunidades. A valorização e a inclusão da língua de sinais nas esferas educacionais e sociais são essenciais para garantir que as pessoas surdas possam participar plenamente de suas sociedades nacionais enquanto mantêm e celebram suas identidades culturais visuais e bilíngues.

Desse modo, percebemos a necessidade da estruturação da grade curricular e a implementação de projetos pedagógicos que são elementos fundamentais quando se discute a inclusão educacional, especialmente no que tange à cultura surda. Para que essa abordagem seja efetiva, é imprescindível que a instituição de ensino adote a concepção de que é um espaço inclusivo, acessível e acolhedor para todos, conforme preconiza o artigo 205 da Constituição Federal de 1988.

A adoção de alternativas pedagógicas concretas e eficazes é essencial para garantir o acesso, a permanência e o sucesso de todos os alunos, independentemente de suas características ou necessidades específicas. Isso implica na criação de um ambiente educacional que valorize e potencialize as singularidades de cada estudante, promovendo a descoberta e o aperfeiçoamento de suas habilidades e competências, fomentando a autorrealização, proporcionando qualificação profissional e preparando-os adequadamente para a vida em sociedade.

Ademais, a efetiva inclusão educacional requer a formação contínua e crítica dos docentes, capacitando-os para desenvolver práticas pedagógicas flexíveis, acolhedoras e responsivas às demandas dos alunos com deficiência, incluindo os surdos. A literatura surda desempenha um papel crucial nesse contexto, pois possibilita aos alunos surdos a identificação com narrativas e experiências similares às suas, promovendo um sentido de pertencimento e combatendo a exclusão social.

Portanto, para garantir a igualdade de oportunidades educativas, é vital que as escolas se comprometam com uma pedagogia inclusiva que valorize a diversidade, assegurando que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade que os prepare integralmente para os desafios do mercado de trabalho e da vida em sociedade. Esse compromisso com a inclusão e a diversidade exige um esforço contínuo e deliberado para criar um ambiente educacional acolhedor e equitativo. No entanto, como Bauman (2005) nos alerta, a criação de uma comunidade de entendimento comum é uma tarefa complexa e perpetuamente desafiadora. Ele destaca que:

“A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa. Pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da

enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas. A paz de espírito, se alcançada, será do tipo "até segunda ordem". Mais do que com uma ilha de "entendimento natural", ou um "círculo aconchegante" onde se pode depor as armas e parar de lutar, a comunidade *realmente existente* se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitárias terão que passar a maior parte de seu tempo." (p.19)

No entanto, ainda existem barreiras significativas que retardam ou impossibilitam o processo de inclusão na rede de ensino. Muitas escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais, carecem de estrutura física adequada e de profissionais capacitados para atender a um público diversificado. Essa falta de recursos contribui frequentemente para a exclusão de alunos que apresentam diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, sejam estas de origem genética ou ambiental, temporárias ou permanentes. Essa realidade evidencia a necessidade urgente de investimentos em infraestrutura, formação de docentes e políticas públicas que garantam a inclusão efetiva de todos os alunos, proporcionando-lhes um ambiente educacional que respeite e valorize suas singularidades.

Com este sentido, Mantoan (2003, p.91) enfatiza que: A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aulas, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão.

Ainda para Cláudia Dutra (2003), Inclusão postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais. (p.46).

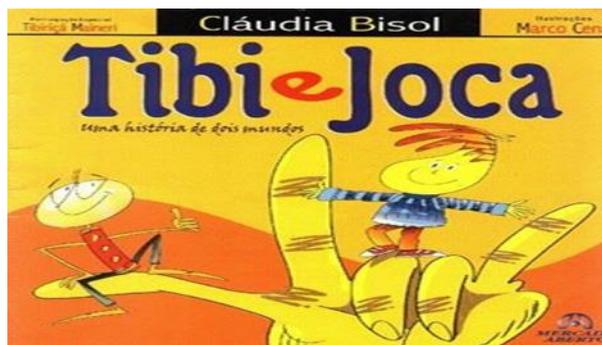
Dessa forma, a batalha em busca de uma educação inclusiva para todos não depende apenas da família ou da escola; o docente é uma peça crucial nessa ponte de adaptação didática e pedagógica. O professor deve possuir uma consciência crítica sobre sua responsabilidade em transformar a sala de aula em um ambiente inclusivo, sem divisão de classes sociais, discriminação ou qualquer tipo de exclusão, seja para alunos com deficiência ou não. É essencial que o docente desenvolva um papel flexível e acolhedor no processo de inclusão. A literatura surda tem o poder de ajudar o aluno surdo a encontrar caminhos, permitindo que ele entenda que não está sozinho e que não

deve se sentir excluído no ambiente educacional.

Portanto, a fundamentação teórica deste trabalho está ancorada na necessidade de uma abordagem educacional inclusiva que valorize a literatura surda como um componente central do currículo escolar, promovendo assim a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

METODOLOGIA

Os métodos utilizados para esta pesquisa basearam-se em uma investigação detalhada sobre as obras de literatura voltadas para surdos. A pesquisa revelou que há um grande número de materiais de alta qualidade disponíveis no mercado, que têm o potencial de enriquecer significativamente o conhecimento e a experiência educacional dos alunos surdos. No entanto, identificou-se uma lacuna na divulgação e no acesso a esses materiais, o que impede que muitos surdos saibam de sua existência e possam se beneficiar deles. Para abordar essa questão, a pesquisa enfatizou a importância de estratégias de divulgação eficazes e acessíveis. A seguir, apresentamos algumas das obras mais relevantes da literatura surda identificadas durante a investigação.



Fonte: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=biblioteca&idt=liv&cat=40&idbib=883>

O livro “Tibi e Joca – uma história de dois mundos” (Bisol, 2001) destaca-se pela participação especial de Tibiriçá Maineri, uma pessoa surda. Na apresentação, lemos: "Esta história de um menino surdo é parecida com a de muitas outras crianças que nasceram ou ficaram surdas. Dúvidas, desespero, culpa, acusações, sofrem os pais. Solidão, um imenso sem-sentido, um mundo que teima em não se organizar, sobre a criança. O que fazer?" (Bisol, 2001, apresentação).

Este livro aborda de forma sensível e realista os desafios enfrentados tanto pelas crianças surdas quanto por suas famílias. A narrativa é um reflexo das experiências

comuns a muitas famílias, onde sentimentos de desespero, culpa e solidão são frequentes. A história convida os leitores a se engajarem em uma reflexão profunda sobre as dificuldades e as superações vividas por essas crianças, proporcionando uma compreensão mais empática e informada sobre a surdez.



Fonte <https://pt.scribd.com/document/434051891/A-cigarra-surda-e-as-formigas-pdf>

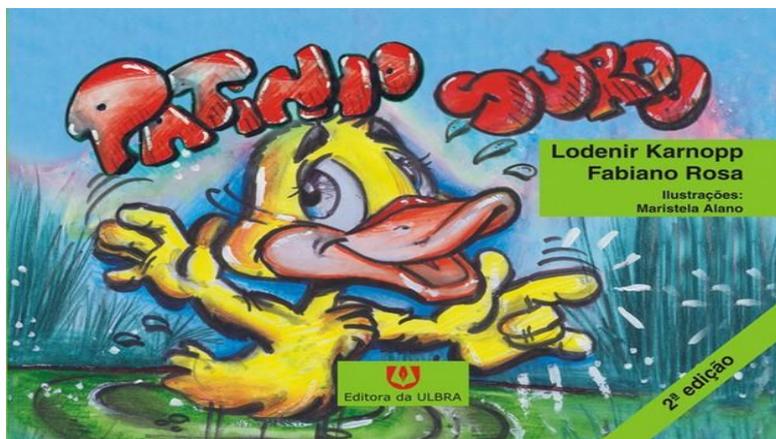
A história “A cigarra surda e as formigas” – escrita por duas professoras de surdos, Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo, sendo a primeira ouvinte e a segunda surda – destaca a importância da amizade e do respeito entre surdos e ouvintes. O livro faz um apelo significativo ao final da narrativa: “Amiguinhos, precisamos respeitar as diferenças.” (Oliveira; Boldo, s.d.).

Na apresentação, uma das autoras enfatiza que a história é fruto de um trabalho colaborativo realizado em sala de aula. Esse projeto incluiu uma apresentação teatral realizada por crianças surdas, utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como a produção do texto em SignWriting e na língua portuguesa. O livro foi produzido manualmente, com ilustrações feitas por um aluno, e apresenta três possibilidades de leitura: a) através da língua portuguesa, b) através do desenho do sinal, c) através da escrita do sinal (SignWriting).

Embora a escrita dos sinais não esteja completamente legível devido à produção manual, o livro é uma rica ferramenta pedagógica que exemplifica a diversidade de métodos de comunicação e de inclusão educacional. As ilustrações nas páginas ímpares complementam a narrativa, ajudando a contextualizar e a desenvolver a história.

“A cigarra surda e as formigas” é uma obra inovadora e valiosa, pois não só promove a inclusão e o respeito às diferenças, mas também demonstra a viabilidade e a importância da integração de diversas formas de comunicação em um único recurso didático. Este livro serve como um excelente exemplo de como a literatura pode ser

adaptada para atender às necessidades de alunos surdos, enriquecendo o ambiente educacional e promovendo a empatia e a compreensão entre todos os estudantes.



Fonte: <https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/10/patinho-surdo.pdf>

O livro "Patinho Surdo" (Rosa e Karnopp, 2005) narra a história de um patinho surdo que nasce em um ninho de ouvintes. Ao reencontrar outros patos surdos, ele aprende a Língua de Sinais da Lagoa, o que lhe permite compreender sua própria história de vida. A narrativa aborda as diferenças linguísticas e culturais dentro da família e na sociedade, destacando a importância dos intérpretes na comunicação entre surdos e ouvintes. Através da língua de sinais, o patinho ganha confiança e autoconhecimento, ilustrando o poder transformador da linguagem inclusiva.

As ilustrações em preto e branco são simples, direcionando a atenção para a profundidade da história e seus significados. O livro inclui um glossário que ajuda os leitores a entender melhor os termos relacionados à surdez e à língua de sinais. "Patinho Surdo" é uma ferramenta pedagógica multifacetada que promove a conscientização sobre diversidade linguística e inclusão, ensinando às crianças a importância da aceitação, respeito às diferenças e comunicação inclusiva. A obra reforça a necessidade de criar ambientes educacionais e sociais que valorizem as diferenças linguísticas e culturais, garantindo o pleno desenvolvimento e inclusão de todas as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A construção de subsídios que auxiliassem na pesquisa voltada para a inclusão da criança surda no ambiente escolar resultou em uma ampla investigação sobre a literatura surda disponível no mercado. Descobrimos que essas obras são encantadoras e possuem um potencial significativo não apenas para a criança surda, mas para todos os alunos da turma. Essas literaturas promovem o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, simultaneamente, ensinam valores fundamentais para a vida humana, como respeito, humildade, colaboração e inclusão.

A pesquisa revelou que a literatura surda é uma ferramenta poderosa para fomentar a interatividade e o dinamismo na sala de aula. Ao utilizar essas obras, todos os alunos têm a oportunidade de se envolver em um ambiente mais inclusivo e participativo, onde as diferenças são valorizadas e compreendidas. Além de oferecer conteúdos educacionais adaptados às necessidades dos alunos surdos, essas literaturas também proporcionam uma experiência enriquecedora para os alunos ouvintes, promovendo uma maior sensibilização e empatia em relação à diversidade.

Os livros analisados não apenas ensinam Libras, mas também abordam temas relacionados à identidade cultural, às experiências vividas pela comunidade surda e à importância da comunicação inclusiva. Esse enfoque contribui para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, onde todos os alunos podem aprender e crescer juntos, respeitando e valorizando suas diferenças.

“A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilingüe e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país.” (Quadros e Sutton-Spence, 2006)

Portanto, as literaturas surdas emergem como recursos essenciais na promoção de uma educação inclusiva e equitativa. Elas ajudam a romper barreiras comunicativas e culturais, incentivando a construção de uma comunidade escolar mais coesa e integrada. Ao incorporar essas obras no currículo escolar, as escolas podem criar um espaço de aprendizagem que acolhe e celebra a diversidade, preparando melhor os alunos para a convivência em uma sociedade plural e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, concluímos que, para que a inclusão seja uma realidade, é necessário rever diversas barreiras presentes no ensino, além das políticas, práticas pedagógicas e processos de avaliação. As propostas de inclusão frequentemente não saem do papel, mas é essencial que todo o processo envolva a sociedade como um todo. A escola precisa estar aberta às necessidades dos alunos, facilitando a troca de ideias e arquitetando um processo de inclusão escolar abrangente e contínuo, que transforme o sistema de ensino para beneficiar todas as pessoas, considerando suas especificidades em vez de suas deficiências e limitações. A literatura surda oferece excelentes obras que podem tornar o aprendizado prazeroso para crianças surdas, sendo crucial investir e disseminar essa ideia nas escolas, muitas das quais desconhecem esses recursos valiosos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad.: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila; Eliana L. Reis; Gláucia Gonçalves. 3a. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (Humanitas)

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca**: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA EM CD-ROM EM LIBRAS / PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/>>

DUTRA, Cláudia. Inclusão que Funciona. In Nova Escola, setembro, 2003

ESTÓRIAS EM LÍNGUAS DE SINAIS. Disponível em: <<http://www.brinquelibras.com.br/>> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006.

KARNOPP, L. B. **Literatura surda. Literatura, letramento e práticas educacionais**: Grupo de Estudos Surdos e Educação. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2004

Saviani, D. (2010). **Interlocuções pedagógicas**. Editora Autores Associados.

SUTTON-SPENCE, R. et al. (2020). **Antologias literárias em Libras**. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 5505–5525.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007